



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

O ROMANCE NA SALA DE AULA: ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ananília Meire Estevão

Márcia Tavares

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

ananiliameire@hotmail.com, tavares.ufcg@gmail.com

INTRODUÇÃO

Historicamente, o espaço escolar sempre foi considerado como um ambiente propício e interdisciplinar para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos. E por sua vez, a Literatura entendida como relevante para a construção do pensamento, pois os textos literários expressam modos muito particulares de refletir e representar determinadas épocas, comportamentos, hábitos, levando-nos à construção de nosso próprio modo de percepção do mundo. Richard Bamberger (2008, p. 32) afirma que “a leitura suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e ter experiências intelectuais”.

No entanto, a ausência da leitura literária, em verso ou prosa, no ambiente escolar é sentida nos vários níveis educacionais – do Ensino Fundamental à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Raros são os momentos dedicados à leitura integral das obras literárias e quando ocorrem os textos ainda são, em alguns casos, utilizados como pretexto ao ensino da gramática normativa. O estudo mais cuidadoso está restrito às obras canônicas ou elegidas para os processos seletivos, tornando a leitura e sua análise obrigatórias. Assim, a abordagem do texto literário em sala de aula, chega até o aluno por meio de imposições e obrigаторiedades, totalmente desprovidas de prazer ou ludicidade.

Uma possibilidade para realização desta tarefa é ler os textos já consagrados fazendo sempre ligação com algum autor contemporâneo para que a leitura se torne mais próxima do universo do alunado. Para tal, o professor mediador (PETIT, 2008) precisa considerar não só o aspecto literário do texto, mas o seu contexto de produção e recepção.



Para Cosson (2011, p. 23) “é fundamental que se coloque no centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária”. O romance, como a novela, é quase sempre deixado à margem. Nos poucos momentos em que este gênero é abordado em sala de aula sua leitura se faz por meio de resumos ou leituras pré-estruturadas.

Baseamo-nos nestas constatações para refletir acerca da recepção e da leitura literária do romance *A botija* (2003) de Clotilde Tavares, ocorridas durante a Oficina de Leitura “Conto estas histórias como me contaram. Quer ouvir?” em turmas da EJA na cidade de Currais Novos/RN. Relataremos as estratégias realizadas, enfatizando aquelas que envolveram a leitura do folheto *O romance do pavão misterioso* (2000) de José Camelo de Melo Resende, uma das obras com as quais o texto de Clotilde Tavares dialoga. Por fim, traremos considerações metodológicas para que o trabalho com a referida obra possa contribuir com a formação do leitor a partir do diálogo intertextual que estabelece com textos e manifestações da cultura popular.

METODOLOGIA

A botija apresenta em sua gênese a união de três narrativas populares, a saber: a história de Pedro Firmo e a constante busca pela realização de seu sonho, Eulália e seu Pai Feiticeiro também conhecido como o conto “A filha do Diabo”¹ e o *Romance d’O Pavão Misterioso* (2000). Em um dos encontros da Oficina de Leitura reunimos as turmas com o objetivo de apresentar aos alunos a terceira narrativa que compõe a obra de Clotilde Tavares, narrado a partir do seu texto-fonte, o folheto de cordel.

Como havíamos percebido que por ser um gênero que os discentes não estavam habituados a ler em sala de aula, empregamos as seguintes estratégias de leitura: 1- convidamos o poeta Claudson Faustino² para realizar junto aos discentes

¹ Versões do conto “A filha do Diabo” podem ser encontradas na obra **Armadilhas da memória: conto e poesia popular** (1991) de Jerusa Pires Ferreira (ver referências).

² O poeta e escritor Claudson Faustino é natural de Currais Novos e faz parte do grupo Cordel do Pau Quebrado que realiza apresentações performáticas e leituras de cordel em eventos e escolas do estado. Para maiores informações sobre o grupo acessar <<http://cordelpauquebrado.blogspot.com.br/>>.



a leitura do cordel que corresponde a história de amor verdadeiro que a cigana Gipsy contará por Pedro Firmo, auxiliando-o a seguir viagem na busca por sua botija; 2 – sendo o trecho mais extenso da narrativa, equivalendo a dezessete de seus trinta capítulos, reproduz integralmente em prosa, intercalada com a presença de versos ao início (sextilha) e ao final (décimas heptassilábicas) o romance popular. Foram entregues aos colaboradores folhetos d’*O romance do pavão misterioso*, texto-fonte onde Clotilde Tavares buscou referências para a história contada.

Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que a “experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade”, portanto não será raro encontrar entre os que frequentam a escola ou entre aqueles com quem estes mantêm contato, alguém que aprecie ou mesmo pratique a literatura popular. A entrega dos folhetos colabora para que o aluno (re)descubra, a partir da leitura oral, esta forma literária, bem como o incentiva, caso deseje relê-lo, a recorrer ao texto original e folhear o cordel mais uma vez.

Para a realização deste encontro, fixamos no quadro branco xilogravuras retiradas d’*A botija* e cujas imagens narravam a história que seria apresentada na sequência. Ao ser iniciada a leitura do folheto pelo poeta Claudson Faustino, fez-se um enorme silêncio na sala quebrado apenas pelo riso e algumas expressões em determinados momentos da narrativa que tentaremos transpor abaixo. Mesmo não utilizando performances corporais para a contação, o poeta a faz na sonoridade ao atribuir vozes e ritmos de fala específicos para os personagens fazendo o riso dos alunos transparecer, assim como expressões de espanto, raiva e compaixão. Para Zumthor (2001, p. 19) quando “a comunicação e a recepção (assim como, de maneira excepcional, a produção) coincidem no tempo, temos uma situação de performance”. Porém, nem sempre a performance se estabelece. Portanto, contar histórias é uma arte, e o contador é um *performer*, *um homem de ação*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o momento de contação da história observamos as reações dos discentes, como: aqueles que estavam, inicialmente, atentos ao celular em dado momento o que ouviam e viam tornou-se tão mais interessante que passaram a acompanhar pelo folheto. A maioria dos presentes ficou encantada no começo com



as expressões vocalizadas de Claudson, a ponto de sequer abrirem os folhetos, acompanhando a história com o olhar fixo no seu recitar. Minutos depois, envolvidos pela leitura e sua sonoridade, começaram a abrir os folhetos e acompanhá-la por ele, balbuciando-a no ritmo em que era recitada como se o texto os atraísse, convidando-os a serem também seus coadjuvantes.

Estes momentos de recepção do texto protagonizados pelos estudantes demonstram que o gênero ou formato textual quando aliados às estratégias de leitura adequadas ao público leitor podem corroborar à experiência estética do mesmo, pois a leitura só se efetiva quanto o texto significa para o seu leitor, satisfazendo suas expectativas quanto aos temas ou reações que o texto possa suscitar. Os colaboradores pareciam encantados pela história, à espera de uma continuação que ocorreria na imaginação do leitor/ ouvinte, preenchendo os vazios do texto. Ao final do encontro, percebemos que alguns colaboradores seguiram o contrato de leitura (JOUVE, 2002) proposto pelo texto, enquanto outros continuaram a formular hipóteses tomando como parâmetro o universo não fictício.

CONCLUSÃO

As diversas reações apontadas a cada instante da leitura nos demonstraram que este foi um momento em que a experiência estética dos colaboradores não se estabeleceu a partir de suas vivências, pois estes adentraram ao texto literário, o compreendendo e o vivenciando para em seguida dialogar com outras leituras de mundo as quais dominava.

O método recepcional está pautado na Teoria da Estética da Recepção na qual, conforme Jauss (1979), o “leitor é o responsável pela atualização da obra” no momento em que realiza a leitura da mesma. O diálogo e a interação estabelecidos entre autor/obra/leitor, permite a realização de novas construções da realidade do leitor que ao se emancipar amplia seu horizonte de expectativas. Este horizonte de expectativas deve ser levado em conta pelo professor no momento da escolha dos textos a serem trabalhados em sala, pois o que se pretende não é somente atendê-lo, mas, principalmente provocar sua ruptura, seu questionamento e conseqüente ampliação. O romance escrito por Clotilde prende-nos a atenção pelo caráter híbrido



– contos, canções, cordel, hábitos populares, personagens, versos reunidos em um só espaço – que nos apresenta e nos instiga a divisar essas fronteiras

Ao propor este trabalho em sala de aula abordamos não somente o gênero romance, mas também o conto e a poesia em forma de cordel, haja vista que sua obra está embasada nestes gêneros, como mostrado anteriormente. Os textos com os quais *A botija* estabelece diálogos permitem o navegar por textos que estão desde o âmbito local ao cânone universal, dando continuidade à formação leitora do público discente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal)

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1986.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In.: JAUSS, Hans Robert *et al.* **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coord. e trad. Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 43 - 61.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 2. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

REZENDE, José Camelo de Melo. **O romance do pavão misterioso**. Fortaleza: Academia Brasileira de Cordel/ Tpyanquim Editora, 2000. (Folheto de Cordel)

TAVARES, Clotilde. **A botija**. Natal: A.S. Editores, 2003. (Coleção Letras Potiguares)

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
